

"Por que você não vai para Paris?"

Heloísa Pait*

De viagem

Coloquei minhas tralhas no bagageiro de cima e me acomodei na cadeira, depois de semanas correndo para terminar um artigo e me preparar para essa viagem. Olhei em volta fazendo um rápido reconhecimento, e relaxei na cabine do avião da El Al que me levaria direto de Guarulhos a Lod. Foi aí que escutei meu pai, com a voz tão sonora como se de fato estivesse lá: "Mas Guga, por que você não vai para Paris?"

É que 20 anos antes eu tinha querido ir sozinha para Israel, plano que minha mãe pretendia abortar e para isso pediu ajuda de meu pai, que veio em casa e escutou os argumentos de uma e de outra: viajar em grupo não tem graça, viajar sozinha é perigoso. E aí veio essa sugestão esdrúxula, típica do meu pai, que nada tinha a ver com o embate das duas. "Por que você não vai para Paris?", ele disse animado, exasperando a adolescente.

Fui para Paris? Não fui? Conto a seguir minha segunda viagem a Israel, que parece ser uma resposta em capítulos à pergunta do meu saudoso pai.

1 Brasil na Copa

Fiquei besta com a derrota do Brasil. No ônibus soube que estava 2 a 1: escutei algo no rádio e pedi para traduzirem. Alguém disse: "ali tem um telão!". Desci e vi boa parte do segundo tempo. A gente acha que no final sempre ganha. Me perguntaram se eu estava triste, e fui andar na praia.

Não posso comparar com o que vi 20 anos atrás pois não lembro nada. Minha avó é que perguntava:

"Mas o que houve nessa viagem que você não conta nada?" Agora há prédios, rodovias expressas. Na praia é como o Brasil: uma mistura de cores, só que falam hebraico, russo e árabe. Indo para Jafa, o panorama muda: famílias muçulmanas fazendo churrasco e fumando narguila.

No fim do dia comi num restaurante maravilhoso de frente para o mar, Margaret Tayar's, um kebab sírio com cominho espetacular. É verdade o que dizem dos homens aqui, que são um pouco apressados. No avião um rapaz muito bonito sentou ao meu lado, já quase chegando em Israel. Depois disse: "Vou voltar para o meu lugar, têm só alguns minutos até o pouso". Mas emendou: "em alguns minutos dá pra fazer tanta coisa..."

Povo estranho esse, mil anos é pouco, um minuto é muito. Eu fico um mês. Pouco? Muito?

2 Tudo em hebraico

Argentina 0 Guermania 3, disse o locutor. E falou algo sobre a Europa estar ganhando dos latino-americanos. Fiquei triste, torci mais pra Argentina do que pro Dunga. Acordei tarde ainda com o fuso errado andei pela cidade. Dói quando anda, pois minha fisioterapeuta decidiu destravar meu tornozelo na última sessão. Lembrei da minha mãe, que disse para nunca deixar ninguém fazer massagem em você, pois ou você não tem nada e cria um problema, ou pioram o que já tem.

Dizem que Israel é outro país, que é Primeiro Mundo. Encontrei um casal de uruguaios que me repetiu o mantra. Mas não é tão aparente. Tel Aviv tem aquele jeito meio desleixado de cidade de

praia, tipo Santos. De vez em quando um prédio se levanta do nada, é verdade, uma Berrini. Mas o Brasil também cresceu muito. Aqui tem cocô de cachorro na rua, e tem pedintes também: gente meio destruída, acho que a pobreza aqui é mais um resultado que um problema em si.

Tem aqueles predinhos de que me lembrava, de poucos andares, com varandas, muito mal cuidados. De primeiro mundo: os carros param para você. E, não sei explicar, param para VOCÊ. Não é como nos Estados Unidos, em que param para o advogado que vai lhes destruir a vida caso não parem. Nem como no Brasil, onde avançam em VOCÊ. Aqui param de um modo pessoal, olha lá um ser humano como eu atravessando a rua.

Encontrei a Vila Madalena daqui, Neve Tsedek. O primeiro bairro de Tel Aviv, construído ainda no século XIX. Lojinhas, restaurantes informais, jóias artesanais, sorvetes, essas coisas. Árvores grandes parecendo o nosso ficus. Perto uma antiga estação de trem com lojinhas iguais às do Brasil. A diferença é que uma loja chamada Gaya, a Arte do Pensar, com brinquedos de desafios e cubos mágicos, está lotada. No mais podia ser Paraty.

A língua faz uma falta enorme. Tudo está em hebraico, me dou conta do quanto a leitura faz parte do dia-a-dia. Quando ouço português vou lá conversar, com professoras do Bialik em viagem de estudos, por exemplo. Já o pessoal que mora aqui no apartamento nunca vejo: li no guia que os jovens curtem adoidado, deve ser isso.

Mas que bom, mesmo sem falar a língua. Que bom comer uma salada em Neve Madalena, ou o kebab de ontem. Um ano e meio atrás eu estava comendo no refeitório da escola, no Rust Belt americano. A neve me olhando de fora. A comida sem gosto. Só falava com os russos. Aqui há os russos, os etíopes, quem são? O que fazem?

3 Lugar antigo

Primeiro dia de férias. Acostumei com ser analfabeta e relaxei. Venho das Américas e falo português, inglês, espanhol e francês: cada um com sua história. Hoje fui ao Museu da Terra de Israel, com uma seção inteira só para moedas. Aí cai a ficha que o lugar é antigo e que aqueles personagens e reinos antigos existiram. Também entendemos por que os estudos bíblicos são tão polêmicos. No museu há também escavações, as primeiras depois da independência.

Por causa do sol infernal, fiquei apenas o suficiente para olhar a cidade da colina e descobrir por que não lembro nada de Tel Aviv. É que eu e meu irmão fizemos um circuito pelo país, Jerusalém, Mar Morto, Negev, Eilat, Haifa, Acre, Safed. E Tel Aviv mesmo usamos como base. Engraçado como a gente muda, eu ir para Massada hoje? Ficar num kibutz?

Finalmente encontrei um benjamim para o meu laptop! O vendedor me cobrou 10 shekelim mas me deu dois, pois era para ter pechinchado. Antes comi num falafel maravilhoso perto do shopping, nesses lugares dá pra conversar bastante. Ontem falei com um israelense askenazi que sabia tudo de futebol brasileiro, discutimos o Maradona, eles acompanham tudo mesmo. Ele reclamou dos jogadores israelenses que não querem correr. Eu insinuei que o time não ia pra copa por causa do boicote árabe. Ele:

"Podíamos entrar mesmo na chave européia. Se os jogadores treinassem, com um bom técnico a gente conseguia." A resposta me surpreendeu. Nós já botaríamos a culpa na globalização, nos americanos, na fase da lua. Para ele, a culpa era dos israelenses mesmos, uns mimados que não se esforçam. E hoje a conversa no falafel foi com uma argentina que se lamentava dos jogos e com o vendedor de falafel que sabia espanhol por causa dos pais, do Marrocos, ladino?

Comprei um mapa da cidade, o Haaretz em inglês, que vem junto com o New York Times Global Edition e com o Forward de Nova York. Só falta a Revista da Hebraica e você está informadíssimo sobre o que acontece no mundo judaico internacional. Adorei o pacote. No Haaretz em papel você lê essas coisas domésticas que na internet pulamos, lemos só a flotilha. Li uma entrevista com o presidente do banco central: as exportações de alta tecnologia já são metade do total, mas o país precisa investir em educação superior. É um americano, o Stanley Fischer, professor de economia do MIT, cujos modelos estudei no mestrado!

Também comprei um livro com um apanhado da literatura israelense contemporânea: Modern Hebrew Literature: Israel at 60 - Retrospective and Renewal. No começo, ainda na Europa, a literatura hebraica moderna era parecida com a literatura em ídich ou nas línguas locais, era feita pelas mesmas pessoas. Depois vêm os escritores nacionalistas, fazendo uma literatura heróica e rejeitando a herança judaica. E aí um resgate das questões judaicas tradicionais: o deslocamento no mundo, as nossas inquietações existenciais.

O mercado editorial é enorme, então vou ter o que ler!

4 Um dia comum

Hoje foi um dia padrão em minhas viagens: fui deixando me levar, sem pensar muito. No meio da tarde, estava num checkpoint na fronteira da Cisjordânia, e um soldado me perguntava, depois de eu me identificar como brasileira: "Ah, e você tem alguma explicação para me dar?"

Não tive medo pois com os israelenses não há tempo disso. Você obedece e depois é que vai sentir alguma coisa. Façamos um flashback para ver como cheguei naquela situação, sob o sol acachapante do deserto.

Acordei e fui tomar suco de laranja num café muito bonito aqui em baixo. Chequei emails e planejei meu dia: manhã na Universidade de Tel Aviv para um tour sobre arte e tarde em Jafa. Peguei instruções com a atenciosa garçonete; é mito que todos falam inglês, às vezes é bem difícil entender o que dizem.

Na estação de trem, vi a passeata por Gilad Shalit, sobre a qual tinha lido ontem. Segui com eles, conversando com os ativistas. Uma mulher de uns 50 anos disse que estava lá para mostrar ao governo que ele podia negociar, que todos assumiam as conseqüências. Perguntei a ela por que o protesto agora: "Por que agora os pais dele pediram", ela respondeu, e arrematou com aquela expressão israelense que quer dizer que se você não entendeu, é um imbecil e não há nada a fazer.

Havia muitos escoteiros. Os militares acompanhavam de cima aplaudindo, de dentro da sede das Forças de Defesa. Os militares israelenses: alguns com cara de homem, outros com cara de bebê. Mulheres arrumadas, mulheres gorduchinhas. Todo mundo é do exército. Alguns com uniforme, outros com arma, um eu vi ontem com a arma, roupas esculachadas e a expressão de quem diz: "que saco!"

Falei com um escoteiro: "O exército diz que ninguém vai ser deixado pra trás. Então não podemos deixar o Gilad para trás. Não sabemos como ele vai voltar: meu pai ficou alguns meses preso e teve síndrome de stress pós-traumático. Mas temos que tentar tudo."

Um rapaz que já havia prestado o serviço militar, jovem, muito bonito, cabelos compridos como o dos argentinos, disse que o governo não apresentava outra alternativa. Que o caso podia acabar como o de Ron Arad, prisioneiro no Líbano que ninguém sabe que fim levou. Que libertar os prisioneiros árabes não ia apresentar risco nem aumentar a chance de outros seqüestros. "Enquanto essa situação perdurar, sempre vai ter gente fazendo esse tipo de coisa, a negociação não vai afetar nada."

"Ainda existe a sensação de que você tem que apoiar o governo, caso contrário é traidor. Essas pessoas estão questionando isso", ele disse, olhando em volta. Fiquei com a impressão de que a passeata era como a roupa esculachada do soldado que vi no domingo. Um saco cheio tremendo. Do governo, do exército, do risco de ser seqüestrado por um bando de fanáticos. Da política, dos processos de paz: libertem esse garoto cuja vida se esvai e não me venham com suas lógicas incompreensíveis.

Continuei até uma praça onde haveria uma parada para discursos. Um rabino falou, depois o prefeito de Tel Aviv com um discurso em cima do muro, uma atriz de esquerda, o pai do Gilad dizendo que queriam resultado. Tocaram o hino nacional. Nacional? Pois na manifestação havia apenas judeus seculares. Não vi religiosos, talvez só umas escoteiras, não vi árabes e muito menos trabalhadores estrangeiros, o Gilad preocupa apenas um certo grupo do país. Não vi a imprensa.

Encontrei uma americana radicada em Israel há 50 anos. Mas ainda americana: o jeito de pensar, de falar. Ela me traduziu os discursos e me convidou para fazer uma visita aos checkpoints. Ela é do Machson Watch, organização que monitora os abusos nas passagens entre Israel e a Cisjordânia. Fiquei feliz com a atenção especial; estrangeiros sempre se apóiam. Peguei dinheiro, fomos comer na casa dela, um apartamento muito bonito. Avisei meu amigo do avião que estaria em Jerusalém no final do dia.

Encontramos com outra ativista, uma sul-africana de certa idade, num boteco em Jerusalém oriental, que tinha a mesma cara da ocidental, só os rabiscos eram mais enrolados. Escrevendo agora em português é tudo tão surreal. No posto de gasolina ao lado do checkpoint moços árabes se ofereceram para lavar o carro. A ativista recusou, afinal não nos demoraríamos. Cruzando a fronteira uns poucos trabalhadores voltavam para sua vila: roupas sujas de tinta, rostos cansados. O soldado falou em hebraico com as senhoras e depois chegou minha vez.

Eu, tão eloqüente sempre, logo disse: "Não sei bem, estou com essas senhoras, elas explicam." Mas ele insistiu: "Como é que vocês saíram da copa?" Então rimos. Um dos homens era segurança do checkpoint: o exército contrata funcionários para alguns serviços para ficar mais em conta. Ele fuzilava as mulheres com o olhar: "Seus filhos não estão no exército? E se nós não estivermos aqui, como vai ser?" Elas não escutavam de fato; cada um com sua ideologia. Mas falavam, debatiam. Sem se ouvir, sem se entender. Falavam. O soldado voltou e disse que o sargento não aprovou nossa visita. Útil? Inútil?

As senhoras disseram que o soldado era árabe, druso. Eu me confundo com essas etnias todas. No Brasil há aquela identidade Balabanian, aquele rosto de país mediterrâneo indefinido, ao qual todos nós pertencemos, armênios, árabes, judeus, sicilianos.

É bom que senhoras aposentadas vigiem as forças de segurança de um país? É insólito? Não sei. Acho que é bom. Talvez o Sesc devesse organizar também um acompanhamento à blitz.

Agora o checkpoint dois, mais complicado. Dá numa cidade perto de Jerusalém, Kalandia, conversamos com um rapaz muito expansivo, estilo brasileiro, que vende café, já conhecido das senhoras. Eu não sabia mais o que era Israel mesmo e o que era Cisjordânia. Lá há região 1, 2 e 3 dependendo do grau de autonomia da Autoridade Palestina ou do grau de apropriação israelense.

Como governar um país assim?

O checkpoint em si, tão demonizado, não é nada especial. Uma rodoviária de Araraquara tem catracas quase tão humilhantes. Um ônibus às 6 da tarde oprime também. É uma passagem para gente normal que é tratada como gado, ou seja, infelizmente nada especial. Os militares ficam atrás de um vidro

blindado, cena normal para paulistano. No mais, aquele ar de rotina com nos acampamento romano das histórias do Asterix. Feio, sujo, humilhante. Mas não é por isso que o funcionário da ONU veio tirar sua soneca em Kalandia, na van com ar condicionado.

Entramos em Israel mostrando documentos, depois saímos de novo, batendo papo com uma adolescente muçulmana muito simpática. O simpático vendedor de café fica no saguão para entrar em Israel, junto com meninos curiosos sobre o Brasil. Um menino mais velho perguntou por que as senhoras não eram muçulmanas. Um homem que esteve preso pediu ajuda para obter visto para entrar em Israel. Voltando para Kalandia, jovens com os cabelos cobertos, com jeans apertados, sandálias, saltos altos, todas as roupas. Trabalhadores, professores barrigudos. Fiquei imaginando as aulas dos professores depois de passar pelos checkpoints e pensei que não gostaria de ser sua aluna. Tem gente que mora na Cisjordânia e trabalha em Israel, e outros moram em Jerusalém e trabalham na Cisjordânia, então há fluxo nos dois sentidos ao final do dia.

Voltamos ao estacionamento. A ativista quis me mostrar os graffitis no lado árabe do muro. Eu já sentia que era hora de ir embora. Não vi Carandiru, não vi Tropa de Elite e não vi Cidade de Deus. As crianças vieram em peso vender balas, coisinhas, uma pipa verde-oliva. Do lado árabe o trânsito caótico, crianças por entre os carros, carros subindo as calçadas. "Vamos embora", eu disse, e fiquei na entrada da cidade. Angústia. Aquele sofrimento eu conheço, falta de chance para subir na vida, carros avançando em pedestre, turistas da miséria.

Violência? Não vi. Desrespeito? Também não. Vi a discrepância entre um país desenvolvido e uma cidade caótica expressa na rotina, como entre nós, do muro, da catraca, do documento, do vidro blindado. A senhora sul-africana me deixou em Jerusalém. Andei, deitei numa praça. Pensei no dia. Em como era tudo muito familiar, em como era tudo até banal. Aí sem aviso prévio caí no choro. Nem sei por que, choro do nada. Choro talvez de me perder nas entradas e saídas dos territórios, das cidades, das vilas, dos homens, das línguas, das raças. Emaranhado.

Mas em Israel tudo muda de um instante para outro. Um rapaz me viu deitada e chegou junto. Parei de chorar. Conversei. Dispensei. Liguei para o meu israelense. E o dia acabou.

5 Hospitalidade

De volta a Tel Aviv, cidade normal. Onde as senhoras entram nos ônibus e abrem o envelope do exame de laboratório, as meninas lêem as brochuras do Weight Watchers. Alívio estar de volta, uma certa ressaca de ontem. Cachorros correm na praia, meninas adolescentes surfam na praia. Como é que agüentam esse sol?, eu pergunto a um senhor no ônibus, que se ofereceu para dar uma segunda opinião sobre que ônibus eu deveria tomar para chegar em Jafa, sem ofender a moça para quem eu tinha perguntado originalmente. Pois aqui a segunda opinião não ofende. "Os jovens não percebem o mal que o sol faz. Só a partir de uma certa idade é que começamos a nos dar conta dos danos. Eu estou agora coberto de protetor."

Comprei duas moedas antigas. Uma, fenícia, para mim. Gosto dos fenícios, marinheiros. Outra, judaica, para meu irmão, dos últimos séculos antes da era comum, pertenceu a um colecionador europeu do começo do século XX, e inspira a moeda de 2 shekelim atual. Isso na antiga cidade de Jafa, onde também visitei um ateliê iemenita de jóias em prata. Estava triste e confusa no final do dia, mas tomei coragem e saí. Aí vi gente vendo o jogo, tomei um táxi para o centro, vi o final do primeiro tempo num bar e o segundo tempo numa lanchonete com telão na rua, conversei com um senhor que falava bem inglês, tinha morado em Nova York. Inglês, minha segunda língua, amada.

Ele perguntou se eu estava bem instalada e me ofereceu o apartamento, isso é que é hospitalidade! O resto é conversa. Ou um passeio no fim-de-semana. "Uma aldeia árabe aqui perto?", perguntei com

cara de criança. "Uma aldeia árabe", ele concordou, como quem vai ter que comprar uma bicicleta cara. "Pode ser, vamos sim, a aldeia onde moram meus funcionários," ele arrematou mais conformado. No final do jogo, como no Brasil, aparece na tela a comunidade holandesa comemorando a vitória do time. Jornalistas bonitos entrevistando os torcedores ensandecidos. A coreografia do dia-a-dia. Ler o Haaretz aqui é outra experiência: tudo no jornal parece tão vago, tão abstrato e ideológico perto desse cotidiano.

Perguntei ao senhor se ele concordava. Pois Tel Aviv é uma cidade normal, carros, avenidas, gente, calçada, bar, prédio, loja, shopping, aeroporto, mais avenidas, um rio passando no meio, mais bares, lanchonete de falafel, MacDonal'd's, mulher de bermuda, ônibus, van, internet sem fio, gato tomando sol. E ele me disse que o país é muito estreito e se bombardearem o aeroporto aí ninguém mais vai vir para Israel. Então minha teoria desmoronou.

Tudo bem. Teoria serve para isso. Para ser desmoronada. Implodida. Hoje à noite andando na rua pensei no Simmel, o sociólogo berlinense. O único desses intelectuais em que penso como pessoa, como homem. O único que ficou na minha cabeça. Queria convidá-lo para andar pelas ruas frescas da noite de Tel Aviv, perguntar o que ele acharia. Grupos, identidades, o que ele diria?

Meu palpite é que os americanos deviam ajudar. Mas não com dinheiro ou pressões, tomando parte das micro negociações, a água aqui, a estrada ali. Deviam trazer o know-how jurídico deles, e pensar a questão da cidadania. Como incorporar plenamente a todos? Aos trabalhadores asiáticos, aos drusos discriminados, aos árabes israelenses ou de Jerusalém? Aos que queiram ser cidadãos desse país. Ou talvez não seja esse o problema. Com Shalit seqüestrado, a ameaça iraniana, como pensar em inclusão? Lendo a declaração de independência, vejo que haviam pensado...

6 A Hebraica

Nem uma semana e já aprendi tanto! Tanto, tanto!

Ontem, dia paulistano. Manhã trabalhando num café, escrevendo para professores, organizando contatos. Tarde na "Rua Augusta", Diezengoff. Comprei livros e dei uma sapeada numa pulseira para dar de presente. Comprei um relógio de um moço muito divertido, disse para ele: "Então você se diverte, aqui?" Ele: "Adoro o que faço." E me vendeu o relógio, com a promessa de que eu ia telefonar e dar o meu número de passaporte, para fins de imposto. Na confiança. Aí perguntei se ele não poderia consertar o relógio do meu pai, e levei bronca: "Mas você é como a minha mulher, que perde o cadarço e compra outro sapato!" Expliquei que o problema era mais complicado, que era preciso selar o relógio pois a água sempre o danifica.

Tel Aviv tem esse clima de Hebraica, o clube esportivo de São Paulo As pessoas se tratam com essa intimidade, somos da mesma patota. Onde é que o relojoeiro te dá bronca por ter comprado relógio? Ontem senti o lado doce dessa intimidade, esse estar em casa mesmo sem falar a língua. Depois o senhor do jogo me ligou e fomos comer homus lá perto mesmo, havia dois cozinheiros da Eritreia. "Desses refugiados tipo operação tapete mágico?", perguntei. Não, refugiados mesmo, simplesmente vêm se virando pelo deserto até a fronteira.

O plano deles era abrir um restaurante eritréio na Diezengoff. Desejei boa-sorte de todo o coração, pois aquela comida é sensacional, conheci em Nova York. E o dia acabou com o jogo na praia, em telões enormes nos quiosques, 26 graus, muito gostoso. Era bom ver as pessoas torcendo para esse ou aquele time, não sabia que os países que não vão pra copa acompanham tanto.

E agora conto o grande segredo da cobertura jornalística de Israel. O que a máfia dos jornais não te diz de jeito nenhum. Que a clique dos correspondentes de guerra não conta e as mulheres jornalistas também sobre ele silenciam, em busca de prestígio profissional. Pois quem vai pagar as contas se eles começaram a dizer a verdade?

E a verdade, nua e crua, é que os israelenses são homens muito bonitos. Quando digo israelenses incluo todos os que vi aqui, não sei se são árabes ou judeus. São bonitos. Sol do deserto, comida, exército, não sei a razão, mas são outra coisa, desculpem os playboys da Hebraica. E envelhecem bem também! O motorista de ônibus tem aquela cara de quem já viveu muita coisa, não é a sua pergunta atrapalhada que vai lhe tirar do sério. Não sei se criaram o novo homem da ideologia socialista e sionista. Mas deram uma boa garibada no antigo.

7 Shishi

A semana aqui começa no dia 1, rishon, literalmente primeiro, que coincide com o domingo. Aí segue como em português, segunda, terça, etc., até a gozada sexta, que é shishi. Mas shishi é como o nosso sábado, só as lojas funcionam; escritórios e universidades, não. O sábado pára completamente, mas as lojas reabrem às 8 da noite.

Hoje é shishi. Mas ainda não me habituei bem, então não estou com pique de fim de semana. Ontem andei na praia com o sol a pino. Mas estava fresco, 31 graus, e ventava. Então simplesmente esqueci o quão longe estava de casa e pensei no trabalho como se estivesse andando na Praia Grande de Ubatuba. Alguns emails trocados com o chefe e com alguns alunos me botaram para pensar na faculdade e nas pesquisas dos alunos.

Tirando a língua acho que seria fácil se adaptar aqui, em uma semana já estou em casa. Conheci dois israelenses que querem investir no Brasil, nenhum deles terminou a graduação. Acho que é como os Estados Unidos, o cara estuda até onde precisa. Um deles: "Sinto falta da curiosidade nos brasileiros, de querer saber mais, fazer mais, parece que o que eles têm está bom." Claro, é isso aí mesmo, o país é bom, está todo mundo contente. Mas com que grupo você está comparando? "Com os israelenses." Achei a resposta engraçada. Como é que dá pra comparar com os israelenses? São, na maioria, judeus, e a tribo é feita de gente insatisfeita com o mundo como ele é, não é isso?

Falando com esses israelenses revalorizei a experiência diaspórica. Temos mais noção de como é mundo. "E por que os brasileiros criticam tanto os Estados Unidos?", um deles perguntou. Ué, onde é que não criticam? Os árabes aqui seus vizinhos não criticam também? Assim são as coisas.

Uma outra diferença: nem todos aqui tem essa obsessão pela aldeia de onde o bisavô chegou. Se você pergunta, às vezes recebe como resposta a data de chegada a Israel dos pais ou avós, e pronto: "Sou israelense." Como se a história tivesse começado ali. Talvez sejam histórias traumáticas demais, talvez seja o jeito dos mizrahim, talvez seja a ideologia sionista, não sei. Talvez seja uma questão de geração. O Itamaraty é outro mistério para o pessoal aqui. Por que o Lula deu aquele abraço numa figura como o Ahmadinejad? Eu tento explicar um pouco, não convenço ninguém. O Brasil aparece aqui e ali: capoeira na rua. Loja da Havaianas. Loja de biquini. Uma homenagem a Leon e Antonietta Feffer, amiga de minha avó, na Alameda Rothschild.

8 Silêncios

Sabia que essa viagem seria intensa, mas não pensei que fosse ser tanto assim. Não me sentia desse jeito desde que desembarquei em Nova York para o meu doutorado.

Há uma organização de militares que se chama "Breaking the Silence". Bom, judeus quebrando o silêncio parece um pleonasma, não precisamos de muito incentivo para falar sem parar. Mas aqui não é bem assim. Hoje pela manhã trabalhei e depois almocei com dois rapazes que estão no exército e me contaram coisas banais. E não tão banais. Não vou falar sobre elas. Talvez porque não tenha pedido permissão, mas é que não quero mesmo falar. Dói ver esses meninos pensando em decisões de vida e morte assim, diante de um prato fundo de ravioli. Sabe aquela tranquilidade da qual falei, passear na rua Augusta displicente? Tem um custo, e não é baixo.

Na praia um rock concert patrocinado pelas companhias de celular. Ensurdecidor. Lembrei do rock que ouvi nas discotecas da Polônia nos anos 90, feito para obliterar os sentidos. E fui para Jafa, olhar o mar.

Comecei a lembrar certas coisas da viagem de 1987. Um ruivo que trabalhava na fábrica e dizia gostar do kibutz por causa da segurança econômica. Fiquei lá 10 dias, perto de Rosh Hanicrá? Nada me tocou muito nessa viagem, só a saída do Yad Vashem, mas aí era uma experiência não propriamente israelense. No mais, uma viagem vazia. Tão diferente dessa...

Lembrei dos amigos do doutorado na New School, quase pude escutar o Jorge dizendo "Heloissa, this country is fucked up. I mean, the US is fucked up. This country is fucked FUCKED up. A total fuck up." But Jorge... "Heloissa, shut up." E aí eu ia ter que concordar, não ia ter jeito. Devíamos fazer uma reunião da New School aqui em Tel Aviv, perto da Europa e dos EUA. Só do Brasil é longe pois a ELAI não pode sobrevoar os países árabes, então temos que ir pelo Mediterrâneo.

Em 87 minha mãe me deu dinheiro e comprei uma passagem, de graça. Oitocentos e poucos dólares. Aí um dia chego em casa e vejo no bloco de notas que ela havia ligado para a agência cotando a passagem de novo. Perguntei por quê. Ela me disse que achou tão barato que ficou com medo que eu tivesse comprado só ida. Dei bronca pela desconfiança. Mas a verdade é que eu tinha vindo para ficar mesmo. O ano tinha sido horrível, eu queria mudar de vida. O único problema é que não amei Israel, então voltei.

Eu não devia ter contado isso para minha mãe? Que a desconfiança não havia sido infundada? Devia. Mas a vida vai passando, de segredo as coisas passam a desimportantes, e não tocamos mais no assunto. Nem pensamos.

À noite conheci um brasileiro. Do complexo do Alemão, Rio de Janeiro. História diferente, como todas as histórias aqui, cruzamentos, coincidências, escolhas, indecisões, aceitações. "Os judeus querem que eu seja judeu, mas quando eu sou não querem muito." Mas não dá pra ser apenas israelense, sem ser judeu? Um outro performer disse que eu tinha tocado no problema central de Israel. Não podia o judaísmo ser apenas uma religião? Pra mim não é, eu disse.

Na saída do show aquela sensação Hebraica tão forte que quase pedi carona no estacionamento, escuta, você vai pra Higienópolis? Mas tomei um táxi, exausta, exausta de mim.

9 Dia de descanso

Sábado, dia de descanso. Só fiz um tour da cidade branca, os prédios da Bauhaus, as alamedas desenhadas por um urbanista inglês. Cidade que surgiu do nada, em poucas décadas. No ponto do ônibus em Ramat Gan havia conversado com filipinas, nepalesas. Vida dura, cuidar de idosos sem descanso e depois voltar para casa.

Todo dia leio um pouco do livro de contos e trechos de romances israelenses. Todos bons. As introduções também, a história da literatura infantil em hebraico, por exemplo: começar uma

literatura junto com aquela primeira geração de crianças. Tudo aqui é pioneiro, tudo aqui é ancestral. Tipografia em hebraico por exemplo.

Nadei no mar, depois das 4 da tarde, mesmo assim com o sol altíssimo. E voltei, nem quis ver o jogo na praia. Estava cansada de gente, queria descanso das férias. Fui sapear na internet as universidades aqui, pois a semana que vem será de trabalho. E amanhã já é Rishon, o primeiro dia.

10 Mágoas

Hoje peguei a van até Tel Aviv: as pessoas passam o dinheiro de mão em mão, até o motorista, que passa o troco de volta pelo mesmo método. Num dia desses me vi com uma nota de 100 shekelim na mão, da qual quis me desvencilhar rápido. Mas aqui essa é a regra, somos todos compadinhos.

Conheci uma jovem americana e fomos almoçar num café super bonito, perto do Diezengoff Center. Falamos de coisas íntimas, projetos de vida. Uma israelense entrou no papo em hebraico, e ficamos dançando nas duas línguas. Aí a israelense perguntou como era ser judeu no Brasil. Eu disse: normal. Não é normal? Ela contou que ficou apavorada na Austrália, durante a segunda guerra do Líbano. Mas te ameaçaram ou algo assim? "Não, mas falaram coisas horríveis." Olha, eu disse, quando falam a gente responde. "Ah, mas a memória do Holocausto está muito presente para mim," ela continuou. Eu estranhei, pela idade dela. "Não que eu tenha passado por isso, ela explicou, nem meus pais, mas a memória está muito presente." Ter medo de uns australianos desaforados por conta do que os alemães fizeram?

Na diáspora temos mil gradações para o antissemitismo. Vai desde o comentário vazio que mal registramos, passa por aquele amigo anti-semita que a gente gosta e portanto tolera, até o sujeito que realmente se tiver uma oportunidade te come vivo. A gente bate o olho e já sabe quem é quem, dá uma nota mental. Aqui parece que entram todos num pacote só. "Quando eu era criança nos ensinavam a identificar os aviões no céu," me disse o senhor do futebol. Há nós e há eles, distantes e ameaçadores.

Liguei para o senhor do futebol perguntando onde era mesmo a loja que ele tinha me indicado para comprar uma máquina fotográfica e comprei sem pensar. Máquina mesmo é a Olympus que meu pai me deu, essa aqui é só um aparelho de registro de imagens eletrônicas. O senhor do futebol me ligou em seguida me convidando para ir até a casa dele, num desses prédios Bauhaus, bonitos mas mal cuidados. Minto que convidou; foi me indicando as ruas que eu devia pegar para chegar lá, como se convite fosse algo à toa.

E me contou a vida, me falou de seus hobbies e de um ressentimento. Coisa simples, que eu também passei, passamos todos, para mim ficou uma pequena mágoa na qual não penso muito. "Eu devia perdoar", ele disse, "eu sei." "Você devia perdoar a si próprio", eu respondi, mas ele não me botou para fora. Aqui ninguém fica melindrado. Podem gritar, não te escutar, mas difícil melindrar alguém. Gosto disso. Gosto?

Não é tudo muito íntimo? Simmel ficaria surpreso com esse lugar. Cidade grande ou aldeia? Metrópole cosmopolita ou clã homogêneo? 200 línguas ou apenas uma? Pois parece que todos entendem minha língua... Como faz para ser indivíduo anônimo aqui? "Hoje me perdi por São Paulo," me diz uma amiga muito urbana. É possível se perder por Tel Aviv?

À noite, final na praia com a americana. Futebol é sempre bom. Vi moças muçulmanas, moças negras, orientais, mais mistura. Ao sul, Jafa iluminada.

11 Catador de lixo

Hoje lavei as roupas. A lavanderia detonada, só vão os desajustados. Almocei num lugar excelente, a comida aqui é sempre excelente. Shwarma, o nosso churrasco grego, com tahine e pickles. Na minha primeira viagem os pickles você ia pondo no sanduíche, e agora te dão um pires, mais higiênico. Não falei com ninguém, lugar de homem comer. "É isso o que é?", perguntei. "Good", pega um pouco, vai gostar, disseram com o olhar. Comi. Gostei. Um tipo de curry.

Meu dia hoje, Ramat Gan. Bairro. Já conheço o pessoal do hamburger, se preciso de informação vou lá perguntar. Carne de verdade, me lambuzo toda. Tudo isso de balcão.

Foi bom ter ficado em Ramat Gan. Ver as moças do Nepal, os velhos catando garrafas – no hamburger tinha um que vinha, deixava um ramo de ervas e pegava as garrafas. Os homens rudes, as mulheres envelhecidas. O vendedor de loteria de cara amarrada, me dando o troco para a lavanderia. O chaveiro me gritando "Shloshim, shloshim!" Vai que me dá um ataque sionista, aos 40 anos! Uma vontade de pertencimento incontrolável! Aí Ramat Gan e fim de conversa.

No ônibus para Jerusalém conheci uma argentina. Difícil acompanhar seu espanhol, uma palavra se enrolava na outra. Veio nos anos 70. Ah, por causa da ditadura? "Só percebi a situação no navio, vindo para cá", ela disse. "Mulheres indo encontrar os maridos, gente fugindo, aí me dei conta." É o que dizem mesmo, cada pessoa, uma história. Na verdade, cada pessoa, um país.

O dia terminou chegando em Jerusalém, recebida por amigos de Boston, relaxei. Andamos pelo bairro, muito bonito, mistura do novo e do velho. Garotos jogando futebol, centros culturais, cafés. Procurei entender as tais linhas, armistício de 48, muro. Impossível. Planejei direito essa segunda parte da viagem? Não importa, o país é minúsculo. Se te dizem que é super longe, vá a pé. É tudo do lado. O Ahmadinejad também.

12 Profetas e templos

Meu pai muito presente com seu "Por que você não vai pra Paris?", quando vejo as roupas rústicas e escuto essa língua com mais erros do que devia. Mas tem coisas aqui com as quais ele se encantaria também. Chegar na Universidade Hebraica e dar de cara com uma parede com fotos de prêmios Nobel, e num quadro um ponto de interrogação. E você fica olhando para o ponto de interrogação, pensando em quem será o próximo. Em que área. Homem ou mulher? Minha sobrinha ou de outra pessoa?

De manhã fiquei na internet, estava tão bom "em casa". Fucei o site da Universidade Hebraica, vi que o sistema é como no Brasil, os alunos optam desde cedo, é a influência européia. Mas há programas interdisciplinares, e também um programa todo em inglês e o curso de graduação tem 3 anos.

Diversidade? Tem os judeus do mundo todo, e também os estudantes internacionais. Vi alguns orientais, mas é férias de verão, não tinha muita gente. E tem alunos e professores árabes também. Acho que deve ser bem diverso. Mas não deu pra ter uma visão muito profunda. Falei com dois professores, e conheci outros do depto de comunicação.

O Elihu Katz eu já conhecia de Nova York. Ele é de lá, um dos papas da comunicação, um precursor da área. Expliquei para ele por que não havia escrito meu artigo sobre os jornalistas. Ele fez duas perguntas. E depois: "Entendi seu problema." E havia entendido. Uma mente. Disse que há um revival das idéias do Lerner, de empatia. A outra professora, da minha idade, falou da universidade, de como é, concurso, vestibular, essas coisas. E aí eu contei para ela minhas impressões do país. Acho que

precisava falar. E não só escutar, escutar, assimilar. Ela disse que eu estava no caminho mais ou menos certo, e me contou ainda:

Existe uma elite que é completamente bilíngüe. Na universidade, os professores publicam só em inglês, são parte do mundo global acadêmico. Mas o povão, como todo povão, se alimenta pela mídia. E aí a visão que têm do mundo exterior é limitada, cai na paranóia. Mesmo os alunos resistem quando os textos são em inglês. Sabem ler, mas aluno reclama. Engraçado que no Brasil, ao contrário, os alunos têm resistido menos ao inglês.

De lá me perdi um pouco na cidade mas acabei na cinemateca, não queria ir para a cidade velha. Vi os muros de longe e pensei: não quero estar lá dentro. Queria estar fora. Templo por templo, sou mais a Hebrew. Vi meu profeta do Brooklyn, pra quê mais? Não é isso o que ele é, um intérprete dos tempos, dos livros? Então. Estava saciada.

Na cinemateca o Festival de Cinema. Filme com legendas, sobre um Antunes Filho de Tel Aviv, Nissan Nativ, mas o festival é menos internacional que o de São Paulo. Li os jornais enquanto o filme não começava, criando meu espaço pessoal, rabiscando impressões sobre esse país grande e pequeno, velho e novo. Na hora do debate saí, sob olhares reprovadores; não sei hebraico mas ninguém imagina.

Ah, aqui na casa dos meus anfitriões em Jerusalém tem um cachorrinho que é a cara da falecida Puppy, do meu pai. Agora, sem os ciúmes que eu tinha da cachorra, vejo como esses poddles podem mesmo ser inteligentes...

13 Aula particular

Pela manhã li artigos de um dos pesquisadores que conheci ontem. Isso sim é que é pesquisa interdisciplinar. Ele escreve sobre o testemunho, conceito que resgata da Bíblia para entender os meios de comunicação hoje. Dois universos tão distintos, e ele os une com esse malabarismo intelectual. Estar presente, relatar. Testemunhar.

E aí fui para a Universidade Hebraica de novo. Cada conversa, um mundo. Um português dirige a seção de América Latina e Ibéria do relações da universidade com o exterior, que são muitas. Ia receber em breve o reitor da PUC do Rio, me mostrou um vídeo de FHC recebendo um título honorífico da Universidade. É bom conversar em português. Me falou das conquistas tecnológicas da universidade, das pesquisas sobre o cérebro, dos tomates cereja.

E depois dessa conversa maravilhosa uma outra melhor: um professor argentino, falando de suas pesquisas sobre as comunidades judaicas na América Latina, me dando livros, me perguntando o que faço. Me lembrou assim vagamente meu pai, nada em particular, apenas aquele interesse intenso no que o outro diz e aquela vontade, também intensa, natural, de falar. Conteí que no Brasil não há memória sobre Vargas. E ele falou da herança peronista, e do nazismo também.

Mas o fundamental é que me deu uma aula, assim do nada, sobre identidade israelense. Falou sobre a falta de fronteiras: fronteiras que te separam do outro e te unem ao outro também. A disparidade entre a alta tecnologia e a vida no Oriente Médio. "Quando ensino sobre o Brasil os alunos não entendem do que estou falando," ele disse. Enfim, me explicou Israel de um ponto de vista latino-americano, onde tudo é avacalhado, e tudo é hoje. Aqui você sente a história, o tempo. Percebi que gosto do agora, dos passados só lembrados pelos indivíduos, dos presentes vividos juntos. "Ah," ele disse, "e não se esqueça do sagrado também!", ele me aconselhou, para que eu não me perdesse.

Passei pela cidade velha, sem muito entusiasmo. Tirei fotos dos militares que fazem a segurança do local, eles sorriram, pediram pins do Brasil que eu trouxe para essas ocasiões. E depois aquele mercado, e aquele muro, e aqueles religiosos, e aqueles árabes ressentidos com sua condição indefinida, e mais religiosos, e soldados visitando o muro, o que não havia em 87, e tanta criança que dá nos nervos, e turistas tirando fotos de gente esquisita, e presentes para comprar, enfim, só eu não estava lá.

Revi as escavações da cidade da época do Herodes, valeu ter voltado. Queria ter comprado mais daqueles vasinhos de vidrodo árabe, imitando os antigos: "Leve um que seja, pequeno, para estabelecermos uma relação." Também queria ter ido até a Cidade de Davi, quem sabe algum dia, quando todas as fronteiras estiverem bem demarcadas... Digamos assim que a cidade velha como museu é muito interessante, mas atrai gente bem esquisita.

14 Meio do caminho

Sair de Jerusalém foi bem fácil. Foi como sair da cidade velha, sensação de voltar ao mundo normal. Tomar um ônibus, chegar na estação, o professor de Haifa iria me pegar aqui. Argentino, saiu antes da ditadura, mas já pressentindo: cada pessoa uma decisão. Especialista em mídia, talvez façamos alguma coisa juntos. Há interesse aqui? "Há sim," ele me disse. Um país aberto e fechado, difícil de definir.

Esperando na estação, teclando no computador, um rapaz disse algo em hebraico. Eu falei com ele em inglês, ele desconversou. Alguém traduziu: ele havia perguntado o que havia de tão interessante na minha tela. Esse jeito israelense, invasivo, irônico, familiar. De qualquer modo, todos falam em hebraico comigo, não sou turista. Não entendo nada da língua, outro dia num internet café percebi que o botão do browser para ir pra frente é o pra voltar, e vice-versa. Mas tenho o jeito, a aparência da tal elite do país, de um grupo específico de judeus. Então falam comigo em hebraico.

Estou tensa. A viagem chega ao meio. O que vi? O que vou ver? Fico uns dias a mais? O meio é sempre um pouco difícil. 42 anos.

O professor me contou que há uma diferença social entre os árabes que saíram em 1948 e os que ficaram e obtiveram a cidadania. Esses últimos eram operários, árabes cristãos. Os que saíram era a elite, na maioria muçulmana, que pensou que em alguns dias voltaria.

Não voltaram.

E os operários se integraram a essa sociedade moderna, com maior escolaridade e renda. A antiga elite se tornou refugiada. Alguns voltaram nos meses e anos depois do armistício, famílias de férias no exterior, casos individuais. Em Haifa os que ficaram estão aí, estudam na Universidade de Haifa. O vice-reitor de pesquisa é árabe, assim como um pesquisador sobre radicalismo islâmico. São israelenses, e vistos como tal nos países árabes. Como o meu ídolo da Haaretz, Sayed Keshua, que escreveu a série de TV "Trabalho de Árabe".

Medo do Irã, professor continua. A revolução no Irã, ele disse, é que mudou o cenário do conflito, de secular para religioso. Nasser para Aiatolá. O Irã e o colapso soviético, ele completa. Sua visão é geopolítica. Já os americanos acham que o café com o vizinho é a solução, não sei se percebem que só nos EUA, onde as leis são bem resolvidas, o problema se resume ao racismo cotidiano, aos pequenos ódios entre vizinhos.

Mas estou tensa. Quero voltar. Para Tel Aviv? São Paulo? Marília? Meu quarto acarpetado em Boston? Quero comer begals em Nova York? O picadinho do Tubarão? Mais uma salada com homus? Está

saindo tahine pelo nariz. "Voltar" é uma palavra complicada aqui. Quem é que volta para onde? A Helen Thomas sugeriu: "por que não voltam para a Polônia?" Justo a Polônia, que detestei...

Depois falamos da vida, de reencontros com antigos colegas, de como podem destruir nossas memórias e mitos. Conte uma história pessoal, a primeira vez que a conto sem drama, como algo que tivesse acontecido com outra pessoa. Ele contou outras. Porque aqui não se entabulam conversas. Aqui se retomam antigos laços.

Ah, não tenho a cabeça voltada para a geopolítica. Nem o olhar tão atento ao café com o vizinho. Para mim parece óbvio que o que importa é a cidadania, os currículos oficiais e serviço militar, essas grandes instituições. Não é isso que faz um país? Pois o café da esquina, quando a paz depende disso, que paz será? Mas isso porque sou brasileira, meu país têm as leis suficientemente firmes para que a gente acredite nelas, e levemente inconstantes para que a gente lhes saiba o valor.

Parece que aqui as pessoas vivem em tempos diferentes. O mapa de Israel incluindo toda a região, o da Palestina incluindo toda a região. Não é disputa por território, é disputa por tempo. Em que tempo estamos? No tempo dos fundadores da Universidade Hebraica? (Onde aliás me senti tão bem, talvez por ser o tempo dos fundadores da New School...) No tempo americano das doações resolvendo tudo? No tempo da destruição romana? No tempo das antigas comunidades judaicas da Palestina, tempo esquecido, apagado?

No tempo do império otomano, britânico? Num tempo futuro, messiânico? Tempos superpostos. Nas Américas, isso existe? Existe uma tensão entre tradição e modernidade, claro, mas é uma gradação. Aqui parece uma ruptura, uma superposição mesmo. E quem habita os dois lugares, o tradicional e o moderno? Deve ser enlouquecedor.

Encontrei minha melhor amiga! Todas as minhas boas viagens encontro uma melhor amiga, e já sentia falta. Ela me levou para uma aldeia drusa, turística, lojinhas, cafés. E ela me disse: "Escuta, eu me escondo aqui. Tomo meu café, como esse doce, pois esse lugar é insano. Aqui não entendo o que falam, então relaxo, leio meu livro. Não conte pra ninguém desse lugar!"

Falamos da vida, dos homens, das decisões, de nossos países de origem. Falamos da cultura israelense, ela detesta homus. "Já reparou que aqui ninguém ri?", ela me perguntou. É verdade, eu não havia reparado. Eu contei que tinha lido a declaração de independência israelense, que serve como constituição do país, e que tinha achado o texto bom, mas não profissa como a constituição americana. Ela gargalhou com a comparação, mas isso é raro aqui. Há ironia, sarcasmo, mas se entregar ao prazer do ridículo, só ela e o argentino da Universidade Hebraica. Só nós ríamos mesmo, como se falássemos a mesma língua e viéssemos do mesmo país.

Depois vim jantar na casa de amigos do meu irmão, fico aqui alguns dias. Não quero fazer nada. Todos dizem que esse lugar é mesmo muito intenso, que tudo é muito forte. Estou meio esgotada. Então só comi, falei do meu irmão, das sobrinhas, escutei mais uma análise geopolítica brilhante, e mais uma história de vida fascinante, cada vez aprendo mais. E vi televisão israelense, Israeli Idol. Com o mesmo júri, os mesmos candidatos, as mesmas músicas. Cultura popular global.

15 Alfabeto analfabeto

Estou pegando o pique desse fim-de-semana canaanita. Então hoje, Yom Shishi, dia sexto, não fiz nada. Acordei, meus hosts maravilhosos foram fazer compras num mercadinho druso. Depois eles me deixaram na Universidade de Haifa, onde vi o pequeno mas impressionante museu arqueológico. Sabiam que o alfabeto fonético foi criado aqui? Para simplificar a escrita, um alfabetozinho de 22 letras

que qualquer analfabeto consegue aprender! O desenho estilizado de uma casa, herança egípcia, corresponde ao som "b", de "beit", casa, e assim por diante.

À tarde não fazer nada. Ler o jornal na internet, numa bonita sala: caçar artigos com propostas de dois estados, um estado, cidadania para os palestinos, etc. Não faltam propostas boas, mas vá combinar com os russos. Em Gaza se apavoram pois Israel pensa em levantar completamente o bloqueio. E só. Conversar um pouco, comer coalhada árabe, sentar na varanda. Descansar das férias. À noite, jantar na casa de primos dos meus anfitriões. Lembravam do meu irmão, mandaram abraços. Tirei fotos, falei um pouco em inglês, escutei hebraico, vida normal. Bairro bonito, mas vida cotidiana, filhos terminando a faculdade, indo para o exército, cuidar do jardim, refazer o deque.

E só. Telefonema do Brasil no final do jantar. Já não penso mais na viagem de 87. Estou aqui. É onde estou, agora.

16 Uma peteca

No Brasil havia comprado presentes para os meus anfitriões, e na praia, em Haifa, com minha melhor amiga, saquei da bolsa uma peteca colorida. Quem iria gostar de uma peteca? Mas ela gostou da cor, da alegria, da ingenuidade do brinquedo e eu fiquei muito feliz. Contei do meu pai, "por que você não vai para Paris?" O pai dela havia dito o mesmo, quando ela, com 18 anos, quis vir para cá! Homem culto, de classe média, se ofereceu para pagar os estudos dela em Paris. Pais.

Falamos de política, de universidade, eu fiz perguntas: os palestinos têm passaporte de onde? no departamento vocês brigam pelo quê? Ela chamou minha atenção: "Está vendo as bandeiras todas? Está vendo? Precisam ainda se convencer de que é um país." Catei pedrinhas na praia, arredondadas, lisinhas, vou dar de presente para minha melhor amiga brasileira, uma brincadeira com os que trazem água em garrafinhas de Israel.

Depois fui a um almoço com um montão de israelenses, reunidos numa sala que dá para uma varanda gostosa, uma coisa cotidiana, esse estar junto. Uma das convidadas conhecia a antecessora da minha amiga no departamento. É um país pequeno. Os filhos dela adoravam os pais dessa outra professora, eram avós substitutos. Uma vila. Mesmo meu nome, Pait, Hait, Haiat, é comum aqui. Aldeia.

Uma história contada entre muitas me levou para longe, para 1988. Uma amiga do meu irmão que conheceu minha mãe. Me levou como um soco, fui até o banheiro chorar. Então eu é que fui injusta com meu amigo do futebol, há mágoas que não dá pra simplesmente apagar.

Toda essa família, esses amigos de décadas, deu vontade de falar com minha tia, que adorou meu chamado. "Está aí mesmo? Verdade?" Pois há algo irreal em estar em Israel. Me falou de primos, deu sobrenomes, me perguntou carinhosa como a viagem estava sendo. E me veio com essa: "Escuta, e o paredão, você foi ver?"

17 Minha piscina!

Acordei cedo de um sonho bizarro e tomei o trem para Tel Aviv com os soldados voltando às bases. Quis descansar mas fiquei trancada fora do apartamento, aproveitar para trabalhar no café que é minha sala de estar. Depois fui para Tel Aviv e caminhei na bonita Ben Yehuda, lojas chiques e cabeleireiros onde me deu vontade de entrar. A história da minha mãe não me sai da cabeça. Talvez isso é que defina a nós judeus, talvez isso é que devia ser perguntado na imigração: "Você tem alguma coisa muito íntima na sua vida, que nem você sabe, nem sua analista, nem seu esposo, nem seu melhor amigo, e que você só vai descobrir através de um desconhecido a 10 mil quilômetros de

distância?" Pois eu tenho duas coisas assim, uma que descobri em Pittsburgh, completíssimamente por acaso, e outra em Haifa.

Ontem li uma entrevista com um escritor israelense, Etgar Keret, que se identifica mais com a diáspora, onde a escrita é oblíqua e não tem uma posição de autoridade. Aqui existe uma pretensa homogeneidade, ele diz, da qual não se sente parte. Então penso assim: não é que sejamos estrangeiros na diáspora, ou como ele e minha amiga da peteca, estrangeiros em Israel. Nada disso. É que a nossa alma está espalhada, e a gente passa a vida ou negando isso, sendo israelense com a bandeirinha ou brasileiro com a caipirinha, ou tentando buscá-la. Mas não adianta, está espalhada.

Os sionistas achavam que mudando os nomes dos imigrantes e exigindo que se falasse hebraico, estavam ajudando. Mas a alma continua espalhada.

Ah, descobri a piscina, minha mikva! De frente para o mar, com água salgada e fresca, chuveiros, guarda-sóis, bebedouro, raia, oclinhos para comprar, tudo por 60 shekelim. "Não precisa alugar armário, pois ninguém rouba suas coisas", me disse a moça. Nadei e fiquei com os horários da piscina, escrito em hebraico, alef, beit, os dias da semana em números como em português. E depois da piscina tudo ficou mais claro, mais simples, mais fácil.

18 1967

Hoje passei o dia na Universidade de Tel Aviv, a USP daqui. Mudaram o nome do Museu da Diáspora, mas não as exposições. Nos computadores com árvores genealógicas encontrei meu bisavô Simon Dranger e uma sobrinha com o mesmo nome de minha avó, cujos descendentes não consegui contactar. Quem será essa Tcharna? Inteligente, sardônica, crítica, contadora de histórias? Ou apenas a memória de um adolescente? Na lojinha do museu comprei presentes, mas não consigo trazer Israel na mala; o que há de especial é tão "típico" e o que há de real tão comum...

Corri para pegar a piscina aberta, mas dei de cara com a porta. Era Tisha BeAv, um feriado que eu não conhecia e que querem acabar uma vez que já voltamos para Jerusalém. O moço da piscina, que havia me dado os horários, se desculpou. Num outro dia o salva-vidas me pediu para usar a touca, eu disse que só falta 100 metros e ele me deixou terminar o treino. Assim que é, meu clube, minha piscina.

Liguei para o meu amigo do futebol, comi com seus amigos. Guardinhas, provavelmente árabes, tiravam fotos de nosso restaurante, que receberia multa por abrir no feriado, até acenei. Mais histórias, mais histórias. Conto uma: falei que meus pais não eram sionistas, que minha mãe via Israel como um lugar para onde as pessoas vão quando nada mais dá certo, e meu pai dizia que não gostava de fazer negócio com israelense. Mas havia imagens boas também: minha mãe se inspirou muito no jeito simples de se vestir das israelenses, e meu pai se entusiasmou depois de 67, comprou o disco Jerusalem of Gold.

Meu amigo: "Ah, 67! Eu estava nos Estados Unidos e todos queriam falar comigo, dava prestígio ser israelense. 67 foi a glória. E o resultado está aí", ele arrematou. Depois me contou o que todos esperavam dos trabalhadores palestinos durante os anos de fácil trânsito, e depois falou do que esperavam quando Israel saiu de Gaza. É tão triste que nem vou contar. É patético, é bonito, é triste.

19 O que vi?

Acordei de uma soneca da tarde assustada: o que fiz até agora? onde estive? Depois me veio à cabeça a francesa da galeria, pela manhã, me contando do dia que saiu da aula de hebraico e de repente os letreiros fizeram sentido, ela pode ler, ela era parte disso. Despertei de fato e lembrei de cada um, a

ativista americana, o moço do avião, a amiga em Haifa. Lembrei de suas frases. Aqui as pessoas não perdem tempo, vão ao âmagô. Lembrei do que haviam dito, haviam dito de mim.

Fui até um bar na praia e li. Li, li, li. Li sobre a vida e a obra de S. Yizhar, autor dos anos 30 ainda, e parecia que o texto ia respondendo minhas perguntas. Não é muita pressão para ser igual, para ser parte do grupo? E "eu"? Talvez apenas hoje, celular, shopping center, imigrantes chegando, israelenses saindo, talvez apenas hoje a sociedade se disperse, se fragmente como num país normal. "A gente perdeu o país", eu escutei de meu amigo do futebol. "Na laje de cima dos prédios havia festas de casamento, cada prédio uma comunidade." Não há como não perder o país, nem é completamente ruim perder o país.

Vale a pena ler S. Yizhar. Seus heróis não encontram espaço nessa sociedade de gente ativa, decidida, otimista, confiante. Mas já idoso ele revela ter se dado conta de que o sentimento de isolamento no grupo era mais regra que exceção.

Então me alimentei. Comi um ceviche de frente para o mar, o sol se pondo devagar, entre os coqueiros, indo para o Oeste, indo para aí. E à noite caminhei na praia, areia fresca, mar morno. Jafa lá longe, ao sul. Na orla, hotéis com luminosos.

20 Ramla

Fui para Ramla, uma cidade árabe perto de Tel Aviv, com um israelense irmão de um amigo de meus pais. Há alguns pontos turísticos, uma cisterna impressionante, um minarete mameluco e uma igreja crusada. Na feira vi gente de todas as partes, indianos, judeus, árabes, africanos, parece um quadrinho de Asterix. Mas a cidade parece pobre, desleixada. Comemos num bonito restaurante de um amigo do meu guia, um árabe que construiu uma segunda cozinha para se adequar às normas casher mas só usa uma.

Ouvi mais histórias de vida e voltamos. Aprendi a evitar o meio do dia, onde o calor é tão forte que causa mal-estar. À tarde tomei um café com um israelense que trabalha num banco em Tel Aviv, vi uma vista maravilhosa de um prédio de escritórios.

Que cidade grande, não fazia idéia. De baixo a sensação é de cidade pequena por conta dos prédios baixos. Vamos falar de banalidades, OK?, eu pedi em vão. Mas ele me contou de sua sensação de aprisionamento nesse país tão pequeno e segmentado. Ai, o banal americano dos investimentos e das milhas aéreas, o banal brasileiro das fofocas e churrascos, saudades.

E de lá visitei uma amiga querida do doutorado na New School. Muitíssimos anos sem nos ver, sem contato. E essa coisa boa de comer junto, falar dos professores, da vida, de tudo. Sem a pretensão intelectual. Só duas mulheres inteligentes que deram algumas trombadas e ganharam alguns prêmios na vida.

Não sei por que fiquei tanto tempo sem vir para cá, eu disse ao me despedir. "Se está sendo tão intenso assim, antes teria te atrapalhado", ela respondeu.

21 Portão dos Detritos

Acordei cedo e fui para Jerusalém para ver uma palestra na Unversidade Hebraica. De manhã um passeio pelos prédios públicos: o Knesset, o Ministério de Relações Exteriores. Imaginar que é lá que se traçam estratégias e se tomam rumos. O Museu de Israel estava para reinaugurar, então vi uma

exposição sobre janelas. Adorei um vídeo de Sharon Paz, "Wandering Home" onde se vê uma paisagem móvel pelas janelas de um quarto, como se fosse um trem.

Passei pela cidade velha e vi as ruínas de uma casa que pertenceu a uma rica família judia e que foi incendiada pelos romanos, a Casa Queimada, visita que teria sido melhor se não fosse o onipresente vídeo despejando ideologia. Fugí mais uma vez da cidade velha, pelo Portão dos Detritos, tirando fotos das novas escavações.

Uma da tarde, calor já insuportável. Aí tomei um táxi que valeu o dia. Puxei conversa sobre Jerusalém, ele disse que adorava, pois é um lugar sagrado. Sagrado demais, eu disse. Foi a deixa. Ele passou o resto do tempo tentando me converter ao Islã. Explicou por que o homem não pode viver sem regras, especialmente regras sexuais. "O que as pessoas fazem em Tel Aviv não é certo." A imagem de Tel Aviv como um antro de perdição, já tinha ouvido isso antes. E depois, há a vida depois da morte. Ele queria me converter para o meu próprio bem, pois eu iria passar mal se não seguisse o judaísmo, o cristianismo, e finalmente o islamismo que é a forma mais perfeita. Eu deveria ler o Alcorão. Com uma convicção, com um carinho tudo isso. Com um sentimento de missão, mas não missão ideológica, hostil. Carinhosa, "estou falando com você como se você fosse minha irmã."

Mas gente como eu não pula de homem em homem, eu disse, olha onde você está me trazendo, eu pulo de livro em livro. "É verdade", ele concedeu, "isso me faz falta, eu queria ter estudado também. Eu errei." Será que mais ensino, mais escolas, mais debates, ajudariam alguma coisa aqui? Mais espaços para o motorista botar pra fora suas convicções e para um professor lhe enfiar umas dúvidas? Depois das palestras retomei a conversa com o professor argentino de quem tinha gostado tanto. Falamos dos israelenses, de sua mentalidade de clã e de seus modos pouco reflexivos. "Veja essa coisa da flotilla," ele disse, "eles vão lá, agem, e depois xi, matamos 9 pessoas! E agora?" Eu ri. Ri das contradições, das tragédias, dos desacertos, ri de não ser israelense.

Voltei para casa conversando com um estudante de direito, a quem recomendei a leitura de "Memórias de um Sargento de Milícias". E o longo dia acabou.

22 Yesh Carnaval

Hora de ir voltando. Hoje me deparei com a famigerada estupidez israelense, no hotel. É algo que vem do nada, e feroz. Fugí.

Hora de voltar, comprar presentinhos na Diezengoff, conversar com músicos brasileiros no restaurante cubano e descobrir conhecidos em comum: o país é mesmo pequeno. Ontem em frente ao Knesset, por exemplo, vi uma manifestação em defesa dos animais e na TV à noite apareceu o manifestante vestido de galinha.

Ler mais do Yizhar, uma Clarice Lispector mais contida e sofrida: os espaços animados, as pessoas apenas vislumbradas por trás de suas máscaras. Adorei o "Efraim volta à alfafa", história simples de um trabalhador do kibutz que quer mudar de ocupação e leva o assunto à assembléia. Só isso. O conto é o que acontece na assembléia, as pessoas, as hesitações, os apelos silenciosos, os sonhos. A assembléia é o 1984 sem o gim, sufocante. Não há a quem odiar.

Me lembrei dos 10 dias que passei no kibutz e da pergunta de minha avó, "por que você não conta nada?" Pois vou contar que os cachorros me viraram a cara? Que não soube lixar a peça de alumínio na fábrica? Vou contar a cena bizarra que vi quando fui espairar no bosque? No final do dia eu tomava chá na casa de um dos pioneiros e ele me contava histórias. Me servia chá e eu me sentia gente. E foi só, o resto eram máscaras. Lembro também da máquina contínua de lavar pratos.

Yizhar, eu, minha amiga de Haifa, o bancário de Tel Aviv, o Efraim que não conseguiu sair da alfafa. E dei de cara com o samba na praia, as pessoas dançando com um sorriso no rosto, Yesh Carnaval, Yesh Carnaval! Fiquei feliz e me dando conta disso me emocionei. O melhor sotaque em hebraico é esse, de jovens que vêm para cá nem por ideologia nem por religião: apenas por que Tel Aviv é cidade de praia e israelense gosta de música brasileira. Estão por causa das coisas boas daqui. Semana que vem, em São Paulo.

23 Exaustão

Nada.

24 Despedidas

Do irmão do amigo de meus pais. De minha melhor amiga de Haifa, de quem ganhei presente e descobrimos já ter nossos inside jokes. Ver o colega de doutorado de meu irmão, imaginá-los estudando juntos e discutindo política, e me despedir de sua tão querida irmã, que me recebeu literalmente como se eu fosse mais um membro da família.

25 Império Otomano

Tomar café da manhã de frente para o mar com o colega de doutorado do meu irmão, onde 10 anos antes ele teve medo que homens de terno se explodissem ao lado de sua família. Conversar sobre economia - sabe aquela sensação de falar com irmão mais velho, ele sempre vai estar certo? Aqui era como conversar com o irmão mais velho do irmão mais velho, eu sabia o que dizer mas olhava para ele e pensava: não diga nada, deixe-o ganhar senão vai ser pior. Então tive esse medo paralizante do soldado de fronteira, da moça do hotel e do amigo do meu irmão.

Passeio turístico na linda Haifa antes de voltar para Tel Aviv. O templo Bahai, a colônia alemã, o bairro árabe, a melhor parte foi o Museu da Cidade de Haifa, com ar condicionado e uma exposição sobre o império otomano. Fotos, cartões postais, o começo do desenvolvimento da cidade, com a estrada de ferro para Damasco, que foi atraindo as pessoas. E depois as organizações judaicas, escola de artes e ofícios, muito interessante. Um passado que eles estão agora resgatando, diz a exposição. Que termina com uma foto aérea tirada pelos ingleses, adeus otomanos. O mandato inglês foi tão curto, só trinta anos...

Uma coisa que fica clara com as fotos é que essas cidades todas eram minúsculas antes dos ingleses. Mas pequeníssimas mesmo. Apenas no século XX é que o país decola. Não compensa pra ninguém dizer isso, por causa das discussões dos vínculos. Mas era tudo muito modesto, arcaico. Lembrei do tio Jaime: "Mas me diz uma coisa: onde fica então essa Palestina?"

De volta a Tel Aviv, liguei para algumas pessoas me despedindo e depois para a El Al para confirmar a passagem, que para a minha surpresa foi transferida para sábado, conforme eu havia pedido. Lembrei de um amigo que deu uma festa em Berlim se despedindo de uma turma de amigos e ficou na cidade mais dois anos. Então eu tenho mais 3 dias. Fiquei feliz, presente da El Al.

À noite, café com meu amigo do banco e espetáculo de dança pois não há barreira de língua, numa antiga escola para meninas da época do mandato, em Neve Tsedek. Ganhei presente de novo! Engraçado como agradei aqui. As pessoas me ligam cobrando que sumi, já tenho obrigações sociais. Já estou numa teia.

Então chego no domingo e na segunda volto ao trabalho, se Deus quiser.

26 Vida urbana

Outro dia sonhei que olhava um mapa e todas as ruas estavam em hebraico, com duas exceções: a Rua Rio de Janeiro e a Rua Manaus. Quem sabe pensava na poeta Astrid Cabral?

Conversei com mais uma professora, uma argentina que estuda a questão dos imigrantes, e que me garantiu: aqui não há o politicamente correto, as pessoas despejam os preconceitos, o que eu já tinha notado... Uma exposição de arte contemporânea no pavilhão Helena Rubinstein com fotos de Rami Maymon: os rostos todos com a mesma expressão, séria, dura, cansada. Impressionante. Isso depois da divertida série de fotos das senhoras da Wizo de Melbourne.

Ah, arte contemporânea com fotos de homens nus, cidade moderna com jovens patinando à noite, assim vou me despedindo da cidade. Filme iraniano no shopping, com meu amigo do futebol: Ninguém sabe dos gatos persas, sobre grupo de rock alternativo em Teheran. Amanhã vou a um museu tecnológico e chega de sociologia, história e etnias. Chega de gente, vamos às abstrações.

Ainda tenho três dias para tomar o avião, mas vou ser apenas turista. Chega de ser testemunha, como diz o pesquisador de Jerusalém, se é que aqui isso é possível, não testemunhar. Então resumo o que vi: um país quente e de verdade. Com aposentados que vão à prefeitura reclamar e com jovens que deixam dispendiosos o computador na mesa do café. Onde as mulheres se apavoram com os melodramas do noticiário e jogam na máquina os uniformes militares das filhas. Onde homens conversam de futebol e geopolítica. Onde todos são iguais mas onde você despenca numa teia de hierarquias e preconceitos.

E a doçura de estar entre os seus.

Até domingo! Lehitraot!

Aterrissei

Ontem senti que cheguei. Frio do interior, concurso para substituto, portarias sem nexos, meu mundo, minhas preocupações. Na chegada do avião, os brasileiros aplaudiram, gritaram: "Brasil!" Uma terra prometida, sem dúvida. Os israelenses sorriram: que lugar será esse que merece esses aplausos todos? Meu mundo. Pequeno de dramas, nulo em ideais. Bom de viver. Grande de espaços.

Uns dias depois

O que eu faço agora com essa viagem? O que faço com o que vi, o que aprendi? Israel. As pessoas têm imagens tão disparatadas sobre o país, não sei onde cabe minha experiência real: as conversas, as gentes, os ônibus, as línguas.

Era melhor dizer que fui para a Tanzânia. E dizer, olhe, na Tanzânia é assim, e assado, e comem desse jeito, e namoram desse outro. Pois quem é que vai julgar a Tanzânia e dizer que a Tanzânia não deveria existir?

Mas não fui à Tanzânia. E quero manter na memória aquela experiência, daquele país que eu vi. E Paris? Também não fui a Paris, ao menos não à cidade dos cafés e museus. Mas à Paris que meu pai sugeriu, aí sim eu fui, fiquei lá a vida toda. Mas isso é outra história.

* **Heloísa Pait** possui contos publicados em revistas nacionais e norte-americanas. Atualmente prepara o volume satírico *Quantas histórias cabem numa mala preta de plástico?* Foi bolsista da Comissão Fulbright e professora da UNESP, onde pesquisa os desafios da comunicação global e busca inovar o ensino de graduação.